

# A SEMANA

## CORTE:

Trimestre..... 28000  
Semestre..... 48000  
Anno..... 88000

Publica-se aos Sabbados

## PROVINCIAS:

Semestre..... 48000  
Anno..... 88000

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUIDOR, 36, SOBRADO

Numero avulso 100 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

Numero atrazado 200 rs.

## SUMMARIO

Expediente — Historia dos sete dias — De Portugal — Crime espantoso—Lux et umbra, soneto; João Ribeiro — Gazetilha litteraria — Politica e politicos; Ambrosio Severo—Bólos; Chico Férula—Questão litteraria—Arthur Barreiros; Gaspar da Silva — A Luiz Delfino, soneto; Raymundo Correa — Politica moderna; Luiz Murat — Diario Mercantil—Mattos, Malta ou Matta? romance—Theatros—Tratos á bola; D. Pastel—Recebemos — Consultas—Correio—Anuncios.

## EXPEDIENTE

Rogamos aos Srs. assignantes de trimestre o obsequio de renovarem as suas assignaturas; e aos que se acham em atrazo o de satisfazerem seus debitos.

Os Srs. assignantes do 1° trimestre, cuja assignatura terminou com o n. 13, e que não devolveram os ns. 14 e 15, que lhes enviámos, estão considerados assignantes do segundo trimestre corrente, conforme declarámos naquelles numeros.

Tambem recebemos assignaturas de Abril a Dezembro, ao preço de 68000, com direito á collecção desde o n. 1, e a um exemplar do romance MATTOS, MALTA OU MATTA.

## A SEMANA

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Rio, 18 de Abril de 1885.

Sete dias gordos, interessantes, cheios, capazes de produzir indigestões de assumpto em chroniqueiros lamellicos.

E que variedade de acontecimentos! Tristes, alegres, vergonhosos, sympathicos, horriveis....Acontecimentos para todos os paladares, desde os que apenas se regalam com as finas comensinas savarinescas do noticiario elegante até aos que se delicias com o mal cheiroso peixe frito das mofinas, no *frège* dos *a pedidos*.

De tudo e para todos—foi a devisa da semana finda. Como ha muitos factos a historiar, voltaremos hoje ao methodo chronologico.

E' menos *chic*, mas muito mais comodo, claro e expedito.

SABBADO 11.—A publicação dos depoimentos feitos na policia pelo director e reporters da *Folha Nova* veio demonstrar o que ha de irregular e sobretudo de in-próffeuo nesse abuso de chamar jornalistas a juizo, para depor sobre factos de que tenham tratado nas suas folhas. O interrogatorio desses senhores nada accrescentou ao sabido, pois que, como aqui dissemos no numero passado, e foi largamente expellido pelo nosso director nas *Notas á margem*, jornalistas que se presem nao devem accrescentar uma sópalavra ao que houverem dito nos seus artigos. Elles *depoem* diariamente perante *juizo publico* sobre todos os factos occurrentes, e, não sendo subalternos ou dependentes das auctoridades policiaes, nada têm que lhes dizer sobre assumptos de interesse publico, já tratados na imprensa. Veio a proposito desta questão a ultima chronica parisiense de Mariano Pina para a *Gazeta de Noticias* sobre o *segredo professional*. Em caso quasi identico foram intimados os redactores de algumas folhas de Paris para depôr, mas recusaram-se *peremptoria*mente a fornecer qualquer informação a respeito; o que lhes valeu a cada um uma multa de cem francos, que foi geral e energicamente reprovada pela imprensa.

« O jornalista no seu jornal escreve o que a sua consciencia lhe indica; diz Mariano Pina. Do que elle viu e do que elle observou, conta o que mais póde interessar o seu publico, mas sempre na sua qualidade de informador, e nunca por um espirito de denuncia. Nas questões melindrosas lá está elle para responder pessoalmente, seja em que campo fór, pelas affirmacões expostas. Mas para ir fazer a denuncia de detalhe a um tribunal, quando faltam testemunhas — para isso lá está a policia, que tem um logar marcado em todos os *meetings*, como tem um camarote em todos os theatros. »

Foi uma feliz coincidencia esta dos dous casos — em Paris e no Rio. Que a lição aproveite e que não pegue a moda. — Em uma casa da rua dos Ourives encontrou-se, numa excavação grande quantidade de ossos, que pareciam humanos. Os *reporters* afitaram as orelhas e arregalaram os olhos, esperando grandes cousas d'aquelles ossos. Mas afinal não deram nada.

Reconheceu-se pertencerem todos a quadrupedes e gallinaceos, á excepção de um craneo e de um humerus. Que pena! Lá se foi mais um drama... em expectativa.

DOMINGO, 12.—O Dr. João Saldanha da Gama, digno director da Bibliotheca Nacional participa á imprensa haver creado, annexo á bibliotheca—um musen de Historia do Brazil; cousa em que ha muito cogitava.

Deu logar á creação d'esse melhoramento, na verdade excellente e necessario, o haver reeebido o Dr. Saldanha da

Gama, offerecidas pela familia do saudoso patriota Evaristo Ferreira da Veiga, a mesa e o tinteiro com que elle escreveu de 1827 até 1835 a sua celebre *Aurora Fluminense*.

—Realisa-se em Petropolis, no palacio de Crystal, a 5° exposição horticola, zoologica e manufactureira. Ao que parece a tal exposição não foi lá *essas cousas*. Pelo menos a relação dos objectos e animaes expostos não *faz fi*, como se diz em gyria commercial.

Para mais informações remettemos o leitor aos *Bolos*, uma das nossas mais engraçadas secções. (Muito póde a modestia !)

SEGUNDA-FEIRA, 13. Grande numero de alumnos da Escola de Medicina, ao entrar em execução o novo e maisnado regulamento, que tanta opposição tem levantado, fez uma tremenda assuada, manifestando ao seu director pelo eloquente e vigoroso recurso do assovio, o desagrado que lhes havia causado o tal regulamento. Sentimos sinceramente que a estudiosa e digna rapaziada da Escola de Medicina, todos moços de boa educação e de reconhecida cordura, se tenha visto forçada ao emprego daquelle meio violeuto. Lastimamol-o, reconhecendo, sem comtudo approval-o, que do procedimento dos estudantes de medicina é principalmente responsavel o governo, que a nada quiz attender, approvando totalmente o regulamento — avantesma.

Fazemos votos para que se não repita a *saboiada* do dia 13.

Do grande acontecimento do dia — a sessão da camara dos deputados — nos occupamos especialmente na secção *Politica e Politicos*.

TERÇA-FEIRA, 14. Foi occupado pelas discussões desencontradas, e mais ou menos apaixonadas, dos acontecimentos parlamentares e pelo sentimento geral produzido pela enfermidade do Sr. presidente do conselho, hoje felizmente restabelecido. Tambem se occupou a attenção publica com o erime do Juiz de Fóra.

Veio este crime fazer *pendant* com o de Campinas, com o qual tem muitos pontos de coincidencia: — ser um assassinio para roubar, ter sido escondido o cadaver, haver pairado sobre elle por muito tempo profundo mysterio, figurarem n'elle testemunhas importantes do sexo feminino, e, por ultimo, ter o assassinado de Juiz de Fóra um dos appellidos do assassino de Campinas: — Pinto.

O que se não explica nem se póde explicar de modo honroso para as auctoridades de Juiz de Fóra e que tã barbaro erime se tenha conservado no olvido e os seus actores na impunidade pelo espaço de cinco annos; sendo, entretanto, geralmente conhecido o crime e indigitados os criminosos. Outra cousa difficil de explicar-se: — haver o juiz de direito d'aquella comarca concedido *habeas-corpus* aos indiciados, pesando sobre elles

tão graves e numerosas presumpções de crime.

Que delcixo enorme e que triste fraqueza!

— Parte do nosso porto o vapor *Orion*, levando para a Russia, via Falmouth, um carregamento de 14.537 saccas de café.

E' o primeiro vapor que leva directamente café para a Russia. Boa viagem!

QUARTA-FEIRA, 15.—Acerca do abafado e curioso roubo do consulado portuguez dá o *Jornal do Commercio* a seguinte noticia:

« Sabemos que continúa na policia, debaixo de grande sigillo, o inquerito sobre o roubo ultimamente praticado no consulado portuguez. Fomos tambem informados que ha dias chegou a esta capital um funcionario portuguez que veio tratar d'esta questão. »

Quando se fará a luz sobre ella? Olhem que já não e fóra de tempo!

QUINTA-FEIRA, 16.—A Sra. Melanie Richard desiste do inquerito policial por ella requerido sobre o famosa colar de brilhantes. Afinal, tambem este escandalosinho não produziu o que d'elle se esperava. Muita parra e pouca uva. Ficamos todos ver navios e a Sra. Melanie a ver o colar... por um oculo. Que logro.

— Na madrugada d'este dia é encontrado morto, com o craneo esmigalhado, o Sr. Julio Candido da Silva, na rua da Candelaria n. 38. E' mais um crime horroroso, que nada fica devendo em hediondez aos de Campinas e Juiz de Fora. A reconhecida mania da imitação, que caracteriza o nosso povo, revela-se até no crime. E' sabido que entre nós um suicidio ou um assassinato nunca vem só. O crime da rua da Candelaria é uma imitação exacta do de Campinas, embora pouco habilmente executada. O assassino ou assassinos não são menos criminosos nem menos barbaros do que o do infeliz Victorino de Menezes; mas são innegavelmente muito menos astutos e intelligentes.

Hediondo plagiato! Horroroso espirito de imitação!

Occupamo-nos em artigo especial com este assumpto, que tanto traz emocionada e nervosa a nossa pacata e operosa população.

Não dirá por certo agora a curiosidade publica que não tem com que se occupar.

Um outro bello acontecimento, mas felizmente de genero muito mais agradável, foi a primeira representação da *Dionysia*, ultima peça de Dumas Filho.

Um primor!

Vide secção—*Theatros*.

E acabou-se a historia.... dos sete dias.

## DE PORTUGAL

acabamos de receber algumas novidades litterarias, realmente preeiosas, não só pelos nomes de seus auctores, como por serem inteiramente desconhecidas aqui, sendo *A Semana* o primeiro jornal que tem a honra de publical-as, por haver sido elle o unico distinguido para esse fim.

Devemol-as á extrema amabilidade do Sr. Monteiro Ramalho, um dos mais jovens e distinctos litteratos portuguezes, já favoravelmente conhecido entre nós pelos seus trabalhos publicados na *Gazeta de Noticias*, de que é correspondente em Lisboa.

Temos em nosso poder e publicamos nos proximos numeros um excerpto do ultimo livro de Camillo Castello Branco —*Maria da Fonte*, ainda no prelo; um trecho do *Anti-Christo*, o famoso poema de Gomes Leal, em que ha tantos annos trabalha e cujo primeiro volume vae finalmente apparecer; algumas poesias do volume de *Tersos*, de Coelho de Carvalho, um joven e esperançoso poeta; e, finalmente, uma elegante pagina de prosa de Monteiro Ramalho, de inestimavel valor, são inteiramente inéditos e *A Semana*, publicando-os, brinda os seus leitores com verdadeiras joias litterarias.

No n. 17 publicaremos o excerpto da *Maria da Fonte*, no n. 18 o trecho do *Anti-Christo* e a nota de viagem de Monteiro Ramalho. E os outros trabalhos—posteriormente, conforme nos consentir o limitado espaço da folha.

Como se vê, *A Semana* torna-se de dia para dia mais digna, pelos seus esforços, da protecção e sympathia publicas que felizmente não lhe tem faltado.

## CRIME ESPANTOSO

A população d'esta capital acaba de ter sciencia de um crime, digno de figurar, como os de Campinas e Juiz de Fora, nas *Causas Celebres*, de Fouquier. Sentimos profundissimo pesar, sempre que, na nossa qualidade de jornalistas, temos de relatar e commentar factos de tal natureza. Parece incrível que semelhante scena tenha como heroe um homem! Não queremos saber se este desgraçado é um enfermo ou uma fera; o que nos pune seriamente é que taes scenas se realizem entre nós.

Eis o facto: Naoute de 16 do corrente os rondantes da rua da Candelaria detiveram a corrida de um individuo que sahira do predio sito á mesma rua, sob n. 38. O individuo declarára que os procurava afim de lhes dizer que encontrára o seu companheiro de casa—morto. Este individuo declarou chamar-se Alberico Delasear de Souza Leite, e guiando os rondantes ao compartimento onde permanecia Julio Candido da Silva—o assassinado, perturbou-se visivelmente, a ponto de o chefe da patrulha, Nonato de Alvarenga, entrar, sózinho, alumiado por uma vela que lhe trouxeram. Ahi, Alvarenga viu a cama que estava em frente á porta, toda revolvida, e tendo as cobertas completamente manchadas de sangue; um travesseiro que estava sobre esta apresentava-se, como as paredes e o mais, tambem ensanguentado; e umas calças de casimira e brim branco que pendiam de um eabide, achavam-se igualmente respingadas de sangue.

Alvarenga encontrou um homem de bruços, junto á janella sobre uma imensa poça de sangue semi-coalhado.

Desde a cama até á janella via-se um fio de sangue. Foram encontrados sobre a dita cama um martello, tendo fios de cabellos presos ao sangue, e um livro com as folhas ensanguentadas.

Sangue por toda a parte, denunciando ter havido alli uma luta horrivel.

Este compartimento parecia ter servido de palco a um medonho crime.

No chão fóra encontrado um braço de prensa, de ferro, muito pesado, do comprimento de 55 centímetros.

O cadaver vestia calça de casimira escura, collete do mesmo panno e de xa-

dre, ceroula de linho, camisa de morim e meias de algodão.

Tinha um pé calçado e outro descalço. Alberico foi detido por Alvarenga até que chegasse a auctoridade, afim de tomar conhecimento do occorrido.

Compareceu ás 3 horas da manhã, pouco mais ou menos, o Dr. Carijó, 3.<sup>o</sup> delegado de policia. Pela manhã o Dr. Thomaz Coelho, que fez o exame medico-legal, ordenou que se removesse o cadaver para o Neeroterio.

Alberico, interrogado ante-hontem, difficilmente explicou os factos, comprmettendo-se em muitos pontos.

A inquirição feita a Alberico Delasear de Souza Leite foi em segredo de justiça. Nada poderemos dizer por ora.

1.<sup>a</sup> testemunha. — Domingos Cataldo, calabrez, de 18 annos, solteiro, engraxate e vendedor de jornaes; sendo inquirido disse que Alberico deira-lhe, como pagamento por lhe haver engraxado as botinas, uma calça, uma camisa e um chapéu velhos, acerca de um mez, e declarou nada saber relativamente á morte de Julio.

Antonio José Pereira, de 22 annos, portuguez, solteiro, carregador de caixas de comida, morador á rua da Alfandega n. 21, disse o seguinte:

Ha cerca de cinco mezes que conduzia comida para a casa de Julio Candido da Silva, pensionista mensal do hotel Cantão; que no dia 15 do corrente, das 3 1/2 para as 4 da tarde, levou, como de costume, o jantar e o collocou sobre uma mesa dentro do escriptorio; que não viu o assassinado, mas sim Alberico, não se recordando, porém, como elle se achava vestido.

Disse mais que sahindo, voltára pouco depois a buscar a louça, e, não a encontrando, batera tres vezes na porta do escriptorio, e como não obtivesse resposta, retirou-se; que só a chamado do delegado verificára estar a louça no eorredor, quando de ordinario ficava na sala; que sempre que voltava a buscar a louça encontrava a porta aberta.

Julio Candido da Silva era um rapaz muito valente e destemido; muito claro e corado, tinha o cabello louro escuro e um pequeno bigode ruivo, e não preto, como disseram as folhas de hontem.

Pessôas da familia de Alberico, mandaram dizer-lhe qua lhe offereciam advogado e lhe dispensariam toda a protecção se elle declarasse categoricamente tudo o que sabia; e no caso contrario não se importariam com elle.

Alberico respondeu simplesmente a quem lhe communicou isto:

— Pois não se importem. Eu já disse o que sabia.

O Dr. José Alves Pereira de Carvalho offereceu-se gratuitamente para advogado de Alberico.

## LUX ET UMBRA

Sahiste e para sempre! e vi na escada Mollemente rolar os ondulosos Folhos do teu vestido róseo e a cada Ondear, senti uns fremitos nervosos.

Poderia correr todo este mundo, Ir-te buscar insano e desvairado, Porque bebe-me o sangue esse profundo Amor tão grande quanto desgraçado.

Poderia seguir-te na carreira E cahir como a sombra tenebrosa, Que se debruça aos pés d'umapalmeira,

Até que o sol acima e o dia em meio, A sombra pouco a pouco sequiosa Viesse confundir-se no teu seio.

João RIBETRO.

## GAZETILHA LITTERARIA

*Galpi*, o modesto e distincto auctor das *Narrativas brasileiras* tem no prelo um romance original, de costumes brasileiros, sob o titulo «O Flor.»

A bella aceitação que mereceu do publico aquelle primeiro livro de *Galpi* faz augurar ao seu novo trabalho um completo successo. Aguardamos anciosamente «O Flor.»

Acha-se quasi prompta a nova obra do Dr. Mello Moraes Filho, em 2 volumes: *Parnazo brasileiro*, desde 1527 até aos nossos dias. E' edictora a casa Garnier.

Edictada por essa mesma casa, vai ser publicada uma nova obra de Valentim Magalhães: «Vinte contos». Não de reis, está sabido. Infelizmente!

Será posto á venda na proxima semana o livro de versos de Alfredo de Souza, «Auroras».

Dentro de 10 a 12 dias virão a lume os «Quatro poemas» de Luiz Murat.

Americo Lobo, o distincto traductor da «Evangelina», o immortal poema de Longfellow, traducção que tão lisongeiro acolhimento tem tido, está traduzindo o «Iliawatha», poema do mesmo auctor.

## POLITICA E POLITICOS

Esta semana foi fecunda, como quasi todas, em disparates e contradicções parlamentares.

O Sr. Moreira de Barros, inchado de aplesia escravagista, apresentou uma moção de desconfiança á politica do governo com a qual pretendeu desviar a discussão do projecto e derrubar o ministerio.

Conservadores e dissidentes colligaram-se para esse fim *patriotico*.

A principio queriam a discussão do projecto pela razão de que, não havendo numero legal de deputados, a derrota ministerial seria certa.

O gabinete protestou contra este attentado á dignidade do paiz, negou-se a submeter-se a uma tal incoherencia politica e por fim a oligarchia negreira lançou mão de uma nova tactica.

Estabeleceu que não haveria mais sessão enquanto não se reconhecessem os deputados ainda não reconhecidos.

Emfim, tudo têm feito os conservadores e liberaes dissidentes para derrubar um gabinete, unico a que franca-mente adherio a opinião nacional.

O Sr. Diogo de Vasconcellos chegou até a ter o descoco de lançar ás faces da opinião publica esta phrase, que por si só dá o valor moral das suas opiniões, e que ficará como um documento do antipatriotismo e da needade de S. Ex.

Foi esta a sua phrase a proposito da supposta derrota do ministerio de 5 de Junho.

— Póde morrer com gloria, comtanto que morra.

E provavelmente S. Ex. pavonear-se-ha por muitos dias com esse jacto retrorico, de requintada perversidade e de parvoeira não menos requintada.

Pavoneie-se com esse detrito que lhe ha de servir de muito para o futuro, quando os seus netos souberem que uma tão tropejada phrase foi lançada levemente contra o primeiro gabinete que trouxe uma idea ao seio do parlamento e teve a coragem precisa para franquear ao movimento espontaneo que avultou, cresceu e generalisou-se na opinião publica, ampla zona para se desenvolver livremente, para se consolidar, para se radicar.

Mais um facto politico de grande importancia:

O Sr. José Pompeu é aquelle mesmo senhor que, assignando o projecto de 15 de Julho, votou mais tarde contra a sua propria opinião.—como signatario do projecto,—a favor da moção Penido.

Este facto por si só basta para avaliarmos do civismo, da moralidade e da coherencia politica do Sr. José Pompeu.

Todos os jornaes estigmatizaram violentamente esta machorraie de S. Ex.; a opinião publica chamou-o de contradictorio, de cluifrim, de zoina; a sua impopularidade andou a zorros e apupada ás esquinas pela garullada da garotagem e dos casquilhos. Emfim, disseram o diabo de S. Ex!

Entretanto, nós não o estigmatizamos, nem o chamamos de contradictorio.

Contradizer-se já é alguma coisa; já é um esforço mental; dous pensamentos que se comparam, uma contracção do espirito, uma comprehensão boa ou má, mas uma comprehensão; um indicio de intelligencia, etc., etc.

Mas o Sr. Pompeu não está n'este caso, o Sr. Pompeu é simplesmente—o Sr. Pompeu.

E acabou-se.

Quem se contradiz. — pensa; quem pensa — reage.

A intelligencia é uma acção e uma reacção continuas.

O Sr. Pompeu reagir? boas!

O Sr. Pompeu estagna-se; e nunca fez outra coisa senão estagnar-se.

Portanto, nós não o profigamos; nós o lamentamos.

Nunca os seus erros poderão causar um desforço da opinião publica, mas sim a compaixão d'esta mesma opinião, e mais nada.

Só o que lastimamos e que sejam como elle quasi todos os defensores dos direitos d'este povo, a maioria do parlamento brasileiro.

Vergonhosa politica! desgraçado paiz!

Mas a opposição não conseguiu os seus fins.

O requerimento de encerramento da discussão da moção-Moreirinha, apresentado pelo Sr. Felício dos Santos, sujeito á votação—obteve 50 votos a favor e 50 votos contra. Caliu, portanto. Desilludida, mais uma vez, a opposição resolveu mudar de tactica, e por meio do Sr. Andrade Figueira fez saber que só concorreria d'ora avante para os trabalhos parlamentares depois de reconhecidos todos os deputados. Falta reconhecer um sexto d'elles (sem calimburgo!), e, portanto, só depois d'isso se tratará de discutir o projecto.

Mais uma treguasinha, a qual é bastante necessaria para que o Sr. presidente do conselho se restabeleça completamente do grave incommodo de saúde que o acommetteu no proprio dia 13, pouco depois da votação.

Não ha remedio, portanto e por enquanto, senão aguardar os acontecimentos, guardando a pena.

AMBROSIO SEVERO.

## BOLOS

Isto da gente publicar jornal uma vez por semana, é o diabo! As vezes, na se-

gunda-feira apparece um assumpto de *primo cartelo*, assumpto que dá para meia duzia de bolos bem puxados, d'aquelles de pé atraz: cala-se o *boleiro* muito caladinho para ver se ninguem acha o achado ate sexta-feira, e quando chega á quinta vê-o todo aproveitadinho por um collega diario, e não ha senão recolher-se um homem ao seio amigo da resignação, cluuchar no dedo, e procurar outra *mão* para as palmatoadas que nos propozemos a applicar todos os sabbados nas instituições ou nas pessoas.

Pois foi o que me aconteceu ainda esta semana com relação ás noticias da exposição de horticultura, realisada em Petropolis, noticias que o patife de Lulu Senior explorou nas *balas de estalo* de quinta-feira, engulindo os coelhos e os retratos a oleo, os pombos, a *viveca* e as gallinhas que poude apanhar—deixando-me unicamente os tristes queijos do Sr. Blisson, a *Madona Della Sedia* e a goiabada.

Realmente parece incrível que os *habitues* de Petropolis, pessoas que se dão ares de illustradas, organisem uma exposição de horticultura e n'ella exponham quadros, queijos, aves e quadrupedes.

Ao menos, nós propomos que se lhe mude o titulo: deve passar a chamar-se: *Exposição de horticultura e artes co-relativas*.

Sim, porque as culturas dos coelhos, das gallinhas, dos queijos e dos quadros a oleo, não podem deixar de ser artes co-relativas.

Salvo se Petropolis já conseguiu descobrir a raiz do queijo, e se alcançou colher gallinhas—plantando ovos. O que ha de ser difficil de explicar é a plantação dos retratos e dos coelhos.

Pegarão elles de gallo ou de estaca? Plantam-se com a raiz, ou obtêm-se pela semente? Serão enxertados ou haverá qualquer processo... Ah! já sabemos! Como os coelhos fazem buracos na terra e é sob o solo que procream, apparecendo os láparos á superficie apoz o nascimento, Petropolis concluiu que elles são producto agricola.

Hade ser isso.

Mas os quadros a oleo?

Naturalmente a commissão considera-os tambem productos agricolas porque elles são geralmente pintados sobre tela de linho... e o linho é uma planta.

As tintas é que são quasi todas mine- raes; mas o oleo, que entra na sua composição é ainda vegetal, é o oleo de linhaça.

D'alí o considerar-se quadros a oleo — objectos de horticultura.

Este processo de classificação faz-nos lembrar aquelle sujeito a quem chamaram rato e que fez as seguintes considerações:

— Fulano chamou-me rato; ora rato come queijo, queijo é feito de leite, leite sae da vacca, vacca é filha de touro:— logo elle chamou-me touro!

Com respeito á goiabada não se poderá occultar a intervenção do Sr. Malvino. Não podendo expôr cravos, rosas, violetas ou malvas, S. S. conseguiu que na exposição figurasse a sua querida goiabada, embora não fosse de Campos. Se examinarmos bem este producto, veremos que elle pode dar logar a trez elasticidades:—producto industrial, porque é fabricado; seguindo-se o processo petropolitano, é producto agricola, porque é feito de goiaba e goiaba é o fructo da goiabeira, e goiabeira é planta; tambem pode ser producto politico, sob o ponto de vista obstruccionista adoptado pela camara actual.

Deve, porém, ser pela segunda classificação que ella figura na exposição de Petropolis.

Mas... como tudo é para bom fim...

\* \*

Nos seus *Echos Fluminenses*, escriptos n' *O Paiz*, o Sr. Dr. França Junior falla de Petropolis no genero masculino. Isto têm-me feito especie! Poucos conhecem Petropolis tão bem como França Junir. Nós quasi não conhecemos a formosa cidade da villegiatura official, capitalista e diplomatica; não entraremos, portanto, n'uma discussão acerca da masculinidade de Petropolis. Declaramos, todavia, que nada lhe conhecemos capaz de evidenciar a sua varonilidade. Ainda se se tratasse do Pará...

Assim, muito lhe agradeceriamos se o chronista petropolitano nos explicasse a razão porque escreveu n' *O Paiz* do dia 13:

— «Estará, porém, Petropolis disposto a descansar?»

— Mais alguns dias e Petropolis ficará reduzido ao seu pessoal de inverno.

\* \*

Já que não nos é possível obter explicações sobre a embrulhada da exposição horticula, esperemos obtel-as do chronista local.

CHICO FERULA.

## QUESTÃO LITTERARIA

### Qual o maior poeta do Brazil? (1)

Por ora apenas recebemos sete respostas.

A absoluta falta de espaço inibe-nos de inserir algumas das respostas fundamentadas; por isso hoje sómente publicamos os nomes dos *volantes* e dos *votados*, pela ordem numerica em que temos registrado as respostas á medida que nos são dirigidas.

« O maior poeta brasileiro é — LUIZ DELFINO—Arthur Mendes. Côte.

« PEDRO LUIZ—Daniel de Faro (Barra Mansa.)

« CONÇALVES DIAS — Joaquim Lacerda (Corte.)

« CASTRO ALVES — C. Albuquerque. (Corte.)

« CASTRO ALVES—Carlos Ferreira (Campinas.)

« DOMINGOS GONÇALVES DE MAGALHÃES — José Antonio Maigni (Bananal S. Paulo.)

« THOMAZ ANTONIO GONZAGA—Candido Neiva (Côte.)

C. Alves.....	2
Pedro Luiz.....	1
Magalhães.....	1
Gonzaga.....	1
G. Dias.....	1
L. Delfino.....	1

### ARTHUR BARREIROS (\*)

(Conclusão)

A carta a que pertencem os periodos transcriptos foi a primeira que me dirigiu depois da minha saída do Rio.

Comunica-me que está empregado e tão satisfeito com o emprego que já não julga irrealizavel o seu sonho dourado—casar.

E diz-me em seguida:

« Não quebrei, como lhe parece a você, a minha rombuda penna; pelo

(1) Vide n. 15 d' *A Semana*.

(\*) Vide ns. 13 e 15.

menos ainda rabisco...com a penna dos outros. Na *Estação*, ha sempre alguma cousa de meu: contos, novellas, entre as quaes uma bem longa, *Belleza invisivel*; bibliographias, noticias theatraes e traducções, muitas traducções.

« E' ocioso dizer que nunca assigno os meus artigos porque é uma gloriola bem pequena a que se adquire com esses pequenos artigos de jornaes. Desde que eu não posso escrever um livro excellente para que lei de estar a chamar a attenção do publico sobre este pobre rabiscador?»

« Escrevo, um pouco por gosto e tendencia e outro pouco porque me pagam, (agora pagam-me!) mas nem quero que se saiba que eu ainda não perdi a *mania*. »

Não se póde ser modesto neste paiz. A modestia sepulta o homem na obscuridade. Raros conheciam Arthur Barreiros porque elle raro firmava os seus escriptos.

Permitta-se esta franqueza a um escrevinhador estrangeiro, que tem feito algo pelas lettras brasileiras e desvanecese com a amizade de grande numero de escriptores nacionaes:—sem um pouco de charlatanismo não se faz nada aqui. Na litteratura,—ainda mais, talvez, que na politica,—a inoestia e prejudicialissima.

Ha muita gente que julga do merito litterario de um individuo pela frequencia com que se lhe depara o nome d'esse individuo e pelo ruido que o mesmo faz.

Em outra carta Arthur Barreiros annunciava-me, jubiloso, o seu proximo casamento e referia-me:

« O Dr. Baptista Caetano, um sabio em lingoas indigenas e homem muito respeitado pela sua erudição, publicou ha poucos dias um folheto, contrariando as idéas que emitti sobre lingua portugueza n'um artigo da *Revista Brasileira*. Sou muito bem tratado pelo Dr. B. C. e estou a escrever-lhe uma resposta, em carta, insistindo na validade das minhas idéas. Se te apparecer por ahi o sobre-dito folheto, estuda-o com cuidado. Hei de mandar-te uma prova do meu artigo para o *Correio Uberabense*, que sempre recebo e leo com gosto.

« Do mesmo Baptista Caetano ha um bom artigo na *Revista Brasileira* de 15 de Fevereiro, apontando erros de grammatica n'um escripto do Balzac de São Miguel de Seide. Porque não o transcreves? Vale a pena. »

Nas cartas mais intimas, n'aquella mesmo em que me agradece as felicitações que lhe dirigi pelo seu casamento, que effectou poucos mezes depois de se ter empregado como ajudante de guardalivros, Barreiros falla de litteratura, extensamente, com amor.

N'essa carta, após amaveis palavras de agradecimento e uma original referencia á sua esposa,—a quem chama: o 159.885 do Ypiranga do casamento,—escreve:

« Leio o seguinte na *Bibliographia portugueza e estrangeira*, no ultimo artigo de Camillo contra Alexandre da Conceição:

« Ha dous annos, quando o *Cancioneiro Alegre* abriu as représas da chacota cis e trans-atlantica, observei que do Brazil me enviavam chalaças muito finas, ao passo que os remoços nacionaes eram achamboados, d'uma insulhez parrana, que só podia ser excedida pelas actuaes argucias salóbras do Sr. Conceição. Confrontando a superioridade facta dos brasileiros e a desgraçosa boçalidade mazorra dos meus patricios, lembrem-me uns versos do padre Francisco Manoel do Nascimento:

*O que Jove gaiteiro outorga ao Mono Trombudo, o nega ao Burro.*

« Parece que o brasileiro está na plena effervescencia da sua animalidade jovial; tem sangue juvenil, não attingiu ainda aquelle gráu culminante de perfeição psychologica de onde principia o retrocesso

« E'aquillo de Blount: *Tudo pende ao suicidio, impellido não só pela Natureza que o conduz á sua perfeição, mas também pela arte e educação que aperfeição a Natureza.*

« O excesso de espirito entesta com as aridas charnecas da philosophia assoldadora; e quando o portuguez em decadencia cachetica, pensa que a sua *encephalopatia* (palavra de Augusto Langel, *PROBLEMES*) cresce e se desenvolve n'uma exhuberancia de tortulhos em pantano, torna-se um microcephalo em comparação das chalaças reinadas dos espiritos intertropicaes.

« Portanto, nós, os Insitanos, quanto a ditos salgados e pulhas salientes, somos os anthropoides dos brasileiros.

Transcreve isto no *Correio* como um gracioso mimo de Balzac a 500 réis fortes.»

Na mesma carta Barreiros noticia-me o apparecimento do primoroso episodio *Tu só, tu, puro amor*...do operoso e correctissimo escriptor Machado de Assis, que é hoje, diz elle, o primeiro e o mais bem conceituado dos nossos autores, e conta-me que o mesmo editor, o Sr. H. Lombaerts, que mereceu com a publicação de uma imitação do *Paris-Murcia* no *centenario de Camões*, o titulo de *Alphonse Lemerre brasileiro*, tem no prelo uma obra, que virá a ser uma preciosidade typographica: *Narrativas militares*, do major Taunay.

Vae demasiado longo este escripto; urge dar-lhe remate. Deixo por isto de reproduzir interessante trechos de outras cartas, os quaes tornariam bem patentes a rectidão dos juizos de Barreiros, as suas raras qualidades de homem e de escriptor.

Era um talento de primeira agua e um caracter de finissima tempera.

A tísica pulmonar, essa terrivel enfermidade que tem arrebatado ao Brazil tantas intelligencias promettedoras, prostrou-o exanime, aos 17 de Fevereiro do corrente anno. Não ehegou a completar 30 annos.

Pobre amigo!

Fizera o sacrificio de torcer a sua vocação para furtar-se ás duras incertezas da bohemia; casara-se com a mulher a quem amava; dous filhos, que eram o seu enlevo, suavizavam-lhe a existencia, tornando-lhe o lar um paraizo; e quando tudo lhe sorria, quando o futuro se lhe mostrava desannuviado, quando já tinha conseguido conciliar o prosaismo do seu emprego com a sua vocação litteraria, quando podia dedicar-se á obra de folego que elle desde muito pensava em escrever, veio a morte feril-o, inutilizando e destruindo tudo, tudo...

Mas é preciso tornar penduravel a memoria de Arthur Barreiros. Ha escriptos seus, esparços por jornaes e revistas, que darão para um precioso volume.

Aquelle dos seus amigos que se entregar ao trabalho de os colligir e publicar não prestará simplesmente um serviço ás lettras brasileiras e uma homenagem merecissima ao mallogrado escriptor: pagará uma divida sagrada.

Arthur Barreiros, luctando com immensas difficuldades, colligiu, corrigiu, prefaciou e deu á estampa os trabalhos litterarios de Carvalho Junior.

Faça-se-lhe o que elle fez a esse poeta salvo as correcções, que não carecem de ser corrigidos os trabalhos de tão amestrada e elegante penna.

GASPAR DA SILVA

## A Luiz Delfino (\*)

Abandonas ás vezes a alta crista  
Do pujante Hymalala, onde te entonas ;  
O estrondar do Niagara, e as verdes zonas.  
Que, de tão verdes, fazem mal á vista ;

Os amplos céos e os largos amazonas  
Selvas rasgando, em triumphal conquistas;  
E, por Anacreonte, E'schylo—artista—  
Do ar baixando, em quepairas, abandonas...

E em vez dos grandes rios, buscas, poeta,  
O arroio, em cujas placidas e amenas  
Balsas soluça, á noite, o rouxinol ;

Cujas margens Setembro, em flor, marchéta;  
E em cujas agnas molha o cysne as pennas.  
E as corças vêm beber, ao pôr do sol...

RAYMUNDO CORREA

## POLITICA MODERNA

## RESPOSTA AOS CRITICOS DAS CARTAS SERTANEJAS

II

Augusto Comte caracterizou admiravelmente a marcha evolutiva do espirito humano, systematisando os diversos grãos de desenvolvimento das noções intellectuaes. Systematisada a Biologia, começou-se a sentir a influencia da philosophia sobre o conjuncto organico das sciencias.

A tendencia do espirito humano foi sempre aclar um facto que subordinasse todos os phenomenos de qualquer ordem.

Das primeiras lições de Comte resultou uma revolução geral, mesmo nas sciencias medicas.

Sob o dominio theologico e metaphysico as molestias ou eram uma resultante da intervenção directa da divindade, ou eram determinadas pela acção de faculdades particulares, verdadeiras ficções monstruosas do espirito, incapaz de perceber a ordem no meio d'aquelle cahos de noções perturbadoras e de idéas confusas.

Por isso todo o acto de nutrição era explicado como uma consequencia da sensibilidade organica, como pretendia Bichat.

O campo da phenomenalidade em geral, ou agia em virtude de um *nisus formativus*, como imaginou Blumenbach ou então pela intervenção de uma entidade qualquer como uma *alma universal*, um *principio vital* etc. etc.

Finalmente, recorreu-se á forças ; mas não se avançou mais, por ter-se tomado esta expressão aos physicos por que se não lhe conservou o sentido hypothetico que estes lhe dão e transformou-se estas forças em seres reaes. (Blainville, *Cours de physiologie*, citado por Theophilo Braga)

Blainville, partindo d'esta poderosa orientação, devida ás primeiras lições de Comte,—diz o illustre philosopho portuguez,—sentio a necessidade de formar uma physiologia positiva, e partio do methodo, como a primeira tentativa de uma constituição racional das sciencias biologicas.

A biologia accentua-se, portanto; manifesta um novo character, positiva-se.

Ora, depois desta vasta revolução iniciada por Thalés e Pithagoras, que fundam a mathematica abstracta, que é o orgão fundamental do regimen verdadeiramente scientifico, mais tarde coordenada por Aristoteles, como diz Robi-

(\*) Este bello soneto, primoroso na forma e delicado na idea, como tudo quanto sae da penna do poeta das «Symphonias», transcreevemo-lo do numero 44 d'«A Vespa», com a devida venia, como uma homenagem ao grande poeta que lhe deu assumpto e como uma prova do muito apreço em que temos «A Vespa».

net, e «entrevista por Descartes sob o seu aspecto systematico quando elle assignalou como devendo chegar a reformação completa do entendimento humano depois da substituição da sciencia á theologia, e á metaphisica, » a philosophia moderna cria uma nova força, um mais alto desenvolvimento com o esforço de Condorcet tentando a reconstrucção da sociedade, com Bichat, Gall e Cabanis, que lançam uma nova theoria sobre o homem, e finalmente com Augusto Comte, que completa esta extraordinaria revolução scientifica, fundando a sociologia, o mais alto ponto desta monumental synthese, destinada a derruir os falsos dogmas religiosos e politicos e a dominar sobre as demonstrações acumuladas e, segundo um criterio positivo, toda a theoria do universo, da sociedade e do homem.

Descobrimo o elo doutrinario ou dogmatico que une as sciencias, subordinando umas ás outras, reconhecendo que existiam processos methodologicos peculiares a cada uma d'ellas, distinguindo o que era reductivel do que era irreductivel, assignalando quaes os problemas que deveriam ter uma solução e quaes os que escapavam á acção reconstructora e mental do homem, Augusto Comte funda a sua classificação scientifica, que tem resistido a todos os esforços da philosophia ingleza para desmontal-a, apontando-a como arbitraria e superficial, que é dogmatica pela generalidade decrescente e complexidade crescente dos phenomenos naturaes constatados pelas sciencias, e que é historica porque nos apresenta em plena luz a humanidade desdoblrandose através dos tempos por um impulso proprio, por uma reacção continua e energica, explorando gradualmente,—como diz Theophilo Braga,—cada ordem dephenomenos desde as theorias theo-cosmogonicas sideraes até ás formulas aphoristicas da moral social.

Se é verdade tudo isto, se é verdade que a classificação scientifica dos phenomenos naturaes deixou de ser uma preocupação pueril, como se nota na classificação de Bacon e Ampère, se é verdade que o campo geral das especulações theologicas e metaphysicas foi eliminado gradualmente pela coordenação e fixação dos processos que trouxeram a demonstração como um resultado logico da observação e da experimentação ; se é ainda verdade que cada sciencia, pela perfeita determinação do seu objecto, não só se tornou mais clara e mais explicita, como tambem mais lucida a comprehensão da sua harmonia, da sua dependencia e da sua correlação com as outras sciencias ; não é menos verdade tambem que todo o systema de educação intellectual deve ser organizado de accordo com esta systematisação philosophica e que os estudos abstractos devem ser a base dos estudos concretos, sem o que nenhum phenomeno de ordem politica poderá ser comprehendido ou resolvido.

Porém examinemos a posição que occupa a biologia como uma das bases abstractas para o estudo de qualquer ordem de phenomenos politicos.

Comte faz considerações magistraes sobre esta ordem de estudos, na sua *Philosophia Positiva*; mas como são poucos os que se dão ao trabalho de estudar estas cousas, muito menos no original, eu lhes aconselho que, ao menos, leiam a condensação feita por Miss Martineau ou por Teixeira Bastos.

Todos aquelles que têm tentado uma classificação scientifica depois de Augusto Comte, admitem tres ordens de phenomenos:—cosmologicos, biologicos e sociologicos, os segundos como o mediario indispensavel entre a cosmologia e a sociologia (ordem humana).

Spencer, consegue apparentar, munido de um formidavel conhecimento sobre todos os ramos scientificos, uma divergencia, que de facto não existe.

Assim, como Augusto Comte emprega as palavras *abstracta* e *geral* como synonymas, elle procura explicar qual a verdadeira significação d'estes dous termos, estabelecendo differencições que só servem para difficultar mais a marcha do pensamento através da sua complexissima classificação.

Quer a palavra *abstracta se applique a um facto destacado da somma das circumstancias de um phenomeno particular, quer a palavra geral se applique a um facto que resume e represente muitos factos geraes*, quer haja uma synonymia entre estes dous termos, esta, como outras objecções do illustre philosopho inglez, em nada destroc o valor da classificação de Comte—primeiro porque esta divergencia é filha do pouco conhecimento que Spencer tem dos trabalhos do fundador do positivismo, e em segundo logar porque nada ha peor, como muito bem observou o Dr. Luiz Barreto, do que o cinme dos sabios.

Emfim, quer Spencer, quer Stuart Mill, quer o naturalista Huxley, que tão violentamente atacou as bases da nova synthese philosophica, estão de accordo que a intelligencia moderna deve abraçar todos os ramos da sciencia geral.

Como, por exemplo, se hade resolver um problema de sociologia, os efeitos que um phenomeno social pôde determinar, sem se conhecer as causas remotas que o originaram, sem se ter em mente todas as formas que pôde tomar um movimento social, dadas certas circumstancias n'um determinado meio, sem que o espirito esteja apto para remontar de causa em causa até um facto mais geral de biologia ou de cosmologia?

Quantos politicos no Brazil seriam capazes de explicar a razão porque as dynastias estão condemnadas biologicamente?

Muitissimo poucos n'este paiz sabem que phenomenos, que são por sua vez consequencias biologicas, actuam como grandes causas efficientes nos movimentos de transformação social.

Quantos factos não se originaram da interferencia da servidão na organisação da idade média, fazendo com que fossem reconhecidos e respeitadas os seus direitos?

Este facto foi expontaneo, como observa Theophilo Braga—e seguiu-se-lhe « uma decadencia tambem expontanea das familias senhoriaes, que se extinguiram sem successão. »

Ora, em virtude d'esta decadencia expontanea, as familias nobres da idade média decresceram consideravelmente no seculo XVI e os reis começaram então o trabalho da reconstrucção da nobreza, mas que em virtude da sua natureza não podia firmar-se, nem consolidar-se. As familias dynasticas, ainda que poderosas, por causa das prerogativas de que se cercaram para garantirem o poder e manutirem os seus direitos, em todo caso começaram a decahir, e o seculo XVI nos offerece o tristissimo espectáculo de monarchas que se entregavam a todas as sortes de loucuras, como Carlos V, Henrique VIII, Philippe II, D. Sebastião, Alexandre VI e Leão X, etc., etc., (1) « allucinados sem intuito, sonhando *monarchias universaes* e provocando as maiores catastrophes. »

A decadencia do regimen monarchico continúa ainda no seculo XIII, com as imbecilidades e torpezas de Luiz XV e D. João V.

(1) Estas idéas estão mais largamente desenvolvidas na obra de sociologia do Sr. Theophilo Braga.

E estas familias degeneradas não só pela hereditariedade, como também por lhes faltar um meio conveniente que as reanimasse e as reerguesse do seu abatimento physico e moral, « caíram em uma tacita imbecilidade, como se vê pelo regimem das recentes guerras, quando as sociedades modernas entraram por evolução propria no regimem da paz.

As dynastias estão condemnadas biologicamente; e o proletariado tem de assistir a esta nova eliminação espontanea. (2) que facilita a reorganização social sobre bases menos empiricas, se é que a elevação da consciencia publica não fizer essa eliminação mais cedo.»

Portanto, eis ali um facto de natureza sociologica, mas cujas raizes se encontram n'um facto de natureza biologica.

Mas prosigamos, segundo o methodo que tracei á marcha do meu pensamento, para que a discussão seja clara e não se perca em inúteis generalidades philosophicas.

Porque razão a chimica occupa um lugar mais elevado na encyclopedia dos conhecimentos humanos?

A razão é clara.

Todo o acto vital consiste n'uma serie de composições e de decomposições. Se assim é, todo o acto vital será um acto chimico.

A vida não é outra cousa mais do que o equilibrio entre estes dous movimentos.

Além d'isto, a chimica offerece á biologia processos que concorrem para desenvolvê-la.—como a nomenclatura.

« Esta relação com a sciencia chimica subordina a biologia, de um modo necessario, ainda que indirecto á physica, base preliminar da chimica racional. Mas ha uma ligação mais directa. Relativamente á doutrina, nenhum phenomeno physiologico pôde ser bem analysado sem a applicação exacta das leis proprias de um ou de mais ramos da physica; esta applicação é indispensavel não só para se apreciar a constituição do meio que influe no organismo, mas ainda porque o proprio organismo não deixa de estar sujeito ás leis do peso, do calor, da electricidade, etc. A physica é o ponto de partida das theorias physiologicas da visão, da audição, da phonação, do calor animal, etc. Sob o ponto de vista do methodo, esta sciencia está apta a fornecer á biologia os modelos mais perfectos da observação e da experimentação. » (3).

(2) Como aconteceu com as familias nobres da idade media.

(3) Philosophia positiva condensada por Teixeira Bastos.

(Continúa)

LUIZ MURAT

## « DIARIO MERCANTIL »

Completo no dia 15 do corrente o seu primeiro anno de existencia este excellento jornal que se publica em S. Paulo.

Com tão pouco tempo de vida, tem, no emtanto, o *Diario Mercantil* consolidado o seu futuro na sympathia e no apreço publico, não só de S. Paulo como d'esta côrte, onde é lido com satisfação. Independente, bem informado, alegre, variadissimo, inspirado nas idéas modernas e nos mais generosos e sãos principios sociaes e politicos, apaixonado pelas artes e pelas letras, tem esse novo orgão da imprensa paulista sabido illustrar e honrar a instituição poderosa que representa, e que é a principal força do seculo.

O jornalismo brasileiro pode rever-se lisongado e contente no importante periodico paulistano.

A Gaspar da Silva e Léo d'Affonseca, seus redactores—sinceros emoras, cordeas felicitações.

## Mattos, Malta ou Matta?

ROMANCE AO CORRER DA PENNA

XII

— *Uè, uè, catu!* gritei ao homem das barbas loiras.

Elle grogolejou immediatamente alguma coisa, que tanto podia ser a frase ingleza apontada pela carta do Malta, como podia ser um simples espirro.

Em seguida virou-me as costas e poz-se a andar para o interior da casa.

Acompanhei-o.

Acompanhei-o, não sem o meu bocadinho de sobre salto, porque a cara do tal sujeito não era das que mais inspiram confiança.

Antes pelo contrario, na impassibilidade córnea do seu rosto havia alguma cousa de funambulesco e uma expressão dura de velha ironia cosida em genebra e calda de tabaco.

— Quem diabo seria aquelle homem? ia eu a pensar.—Quem diabo seria aquelle silencioso monstro de seis pes de altura, que me surgia defronte dos olhos, como se eu estivesse n'um sonho?...

E as mais estranhas considerações principiaram a dansar em volta de meu cerebro.

Afigurava-se-me que o sujeito era nada menos do que um gato, encantado, vivendo dos ratos que apanhasse naquelles quartos desertos, e, á noite, miando a sua tristeza pelos telhados da vizinhança.

Sim, que elle tinha olhos de gato. Bem o notei ao fital-os.

Olhos verdes, redondos, com a pupilla muito sensivel e transformavel á mais subtil alteração da luz.

A proporção que eu o contemplava pelas costas, mais me ia penetrando de tão extravagante convicção. Afinal já não era um gato o que eu supunha ver, mais sim um tigre, um verdadeiro tigre disfarçado em homem.

Tanto assim que, na ocasião em que elle se voltou para me dizer: « E' aqui » recuei dous passos e estive a perder os sentidos.

Então o monstro poz-se a rir.

— Pois elle ri? interroguei, mais pasmado do que se o visse trepar de gatinhas pela parede—Elle ri? o monstro!...

Este, como se advinhasse o meu espanto, adiantou-se para mim e ferrou-me os seus dous olhos de onça.

— Ah! gemi, sentindo faltarem-me as pernas—Estou aqui, estou nas garras do bicho!

Mas o meu estado de anciedade durou apenas alguns segundos, porque o sujeito, estendendo uma das mãos, segredou-me lamoriosamente:

— Deixe ver uns nikeis!

— Pois não! respondi, correndo os dedos ao bolso.—Dou-lhe até coisa melhor. Mas, antes disso, preciso que o senhor me forneça algumas explicações.

— Explicações de que?

— Em primeiro logar, diga-me: Onde estou eu?

— Aqui.

— Isso já sei, mas pergunto que casa é esta.

— E' uma hospedaria.

— Hein?

— Hospedaria, sim senhor.

— E sem hospedes?

— Os hospedes dormem fóra.

— E passam o dia aqui?

— Também não senhor.

— Ah! Compreendo... Vem só para comer... E' casa de pasto.

— Não! não ha comida.

— Peior!

— Pois o senhor não comprehende?...

— Não; e peço-lhe que me dê a explicação.

O typo olhou duas ou tres vezes em torno de si e, chegando a bocca ao meu ouvido, soprou a seguinte frase:

— Isto é uma casa de jogo...

— Ah! Já devia ter adivinhado... E como se chama esta espelunca?...

— Hospedaria do gato.

— Do gato, hein? Bem me advinhava o coração... E a que horas principia a jogatina?

— A' meia noite em ponto.

— E todos os jogadores dizem ao entrar a mesma frase que eu disse?

— Alguns; outros miam apenas. São os freguezes antigos.

— Bom! respondi eu, entregando-lhe uma nota de dois mil réis.—Ali tem pelo que já fallou, e ganhará ontro tanto se me der as informações de que ainda preciso.

— Vamos lá, mas espero que o Sr. não nos comprometta. Bem sabe que estas casas...

— Descance, as informações de que preciso só aproveitam a mim proprio; trata-se de interesses particulares.

— Então, estou ás suas ordens.

— Porque razão me levou o senhor para aquella porta?

— Porque alli é a entrada para as salas de jogo.

— E onde está uma mulher que ha dias foi confiada á sua guarda?

— Qual dellas?

— Pois que! o senhor tem muitas aqui?

— Tenho dez.

— Dez mulheres! virgem santissima!

— E o senhor não poderá fallar a nenhuma dellas sem dar primeiro o signal competente....

— O signal?

— Sim, nós aqui chamamos signal ás palavras convencionadas entre duas ou mais pessoas para se encontrarem cá dentro em lugar seguro.

— Mas se eu lhe dissesse como é pouco mais ou menos a que eu procuro, o senhor não poderia?...

— Impossivel! Nem mesmo se eu quizesse... não as conheço... Ellas chegam em geral cobertas com um grande véu, e ás vezes trazem mascara...

— E nunca dão o nome?

— Nunca.

— E os homens que os acampanham?

— Esses, esses têm todos uma alcunha, que só pode ser comprehendida por mim, ou por meu patrão ou por algum velho frequentador da casa.

— Diga algumas dessas alcunhas.

— Para que? Isso não lhe serviria de nada. Imagine os nomes mais vulgares e os titulos mais communs, junte-os e terá uma lista completa dos cinco mil homens que frequentam esta casa.

— Cinco mil?

— Quando menos.

— E todos elles apparecem juntos?

— Não. São ate bem poucos os freguezes de toda a noite. Muitos apresentam-se uma vez por semana; outros, duas; outros, tres; outros vem por fructa. Ás vezes a casa se enche; outras não. Depende muito do dia.

— E quaes são os dias em que ha mais gente?

— Nas vesperas de festa principalmente. E, quando não ha festa, nos sabados e domingos.

— Paga-se entrada?

— Não, paga-se apenas o barato.

N'isto, fomos interrompidos por uma campainha electrica.

— E' uma das taes sujeitas que me está

chamando... explicou o homem.—Com sua licença...

— Vá, mas volte.

— De certo. Válah já.

— Muito bem!... disse eu comigo, assim que me vi sózinho.—Aqui está, onde veio parar minha mulher, se não mente aquella maldita carta.

Instintivamente levei a mão ao bolso e saquei a denunciadora folha de papel que me conduzira até alli.

A tal frase mysteriosa, de que me fallára o typo de barbas loiras, devia estar na parte da carta corroida pelo acido.

— E não poder eu advinhar o que está escripto debaixo desta mancha amarella!... pensei.—Daria uma perna ao diabo para poder saber o que aqui está!...

Cheguei-me mais para junto de uma janella que havia a quatro passos e, levando o papel á altura dos olhos, soltei um grito de prazer.

E' que, pondo-se a carta contra a luz, podia-se distinguir o que estava escripto debaixo da mancha do acido.

Foi com grande difficuldade que li o seguinte no meio de outras coisas:

« Quando o homem das barbas loiras te perguntar a quem desejas fallar, responde-lhe unicamente... »

N'esta occasião, porém, o maldito cara de gato, bateu-me uma palmada nas costas, e eu, com o susto que tive, deixei cair a carta pela janella.

— Maldição! exclamei.

E, debruçando-me sobre o peitoril, olhei para baixo.

A janella dava para um eortigo e a preciosa carta cahira dentro de uma tina cheia d'agua.

(Continúa).

## FACTOS DIVERSOS

Estiveram ha dias entre nós os Srs. Dr. Carlos Antonio Halfeld, deputado provincial e Tenente-coronel Wenceslau Fernandes de Carvalho, capitalista, residentes em Capivary. Agradecemos a visita com que nos honraram.

## THEATROS

### Recreio Dramatico

#### DIONYSIA

Subiu ante-hontem, finalmente, á scena do Recreio Dramatico a *Dionysia*, peça em 4 actos, ultima de Dumas Filho, traduzida pelo Sr. Henrique Chaves.

Dizer o que é a *Dionysia* não é muito difficil, comquanto não seja tambem muito facil.

O conde André de Bardannes fôra ha annos amante da Sra. De Thauzette, mãe do seu condiscipulo de collegio—Fernando de Thauzette.

Dionysia Brissot fôra criada e educada junto com Fernando, e, como era natural, amou-o.

D'esse ainor resultou uma falta e d'essa falta um filho, que morreu pouco tempo depois, sem que o pae, por meio do casamento promettido a Dionysia lhe quizesse dar o seu nome. Com esta infamia morre o amor de Dionysia, e nasce o justo odio pelo seu seductor, odio que ella não deixa nunca transparecer, continuando a tratar Fernando por tu, com uma indifferença apparente. Da falta da filha não teve conhecimento o pae, que continúa sempre a julgal-a pura.

Como os Brissot fossem pobrissimos, a Sra. De Thauzette consegue collocar-os em casa do conde André: os paes como administradores da casa e bens, e a filha como companheira de Martha, irman do conde, menina que acaba de sair de um convento para entrar no mundo.

E' este o momento da peça.

O conde apaixonava-se por Dionysia.

A Sra. De Thauzette vem pedir-lhe a mão de Martha para seu filho Fernando, e como elle é recusada sob o pretexto de que Fernando é pouco eserupuloso em pontos de honra e sua mãe ainda o é menos, a Sra. De Thauzette, para justificar a alliança, declara que o bom nome da familia Bardannes tambem está compromettido, visto que toda a gente diz que o conde é amante de Dionysia e que não é o primeiro. Começa o conde a suspeitar de Dionysia e chega a obter, quando lhe propõe casamento, a propria confissão da queda, confissão que Dionysia lhe faz—mais para lhe salvar a irman da posse de um máu homem, do que para justificar a sua recusa ao desejo do conde.

O pae de Dionysia, que ouvira a confissão da filha, expulsa-a da casa, e ao encontrar-se com Fernando quasi que o mata, esganando-o; suspende-se, porém, e concede-lhe, sob pena de morte, uma hora para elle resolver-se a casar com Dionysia. Esta, apesar de odial-o, como vê que é a unica solução possível, aceita o casamento.

Martha, porém, na sua perspicaz ingenuidade de donzella, descobre outra solução. Como em tão pouco tempo viu tantas maldades no mundo, sendo ella mesma tão má, resolve voltar para o convento se Dionysia a acompanhar.

No momento em que Dionysia vai partir, tendo já o perdão e o consentimento paternos, o conde André de Bardannes, convencido pelas razões e pelos argumentos do seu amigo Thouvenin, não consente na partida e offerece de novo a sua mão a Dionysia, que d'esta vez aceita, fleando todos muito contentes e muito satisfeitos da sua vida d'elles.

\*

\*

Eis o que enche os quatro actos deliciosos da comedia de Dumas, que os annuncios da empreza se obstinam em chamar drama.

O auctor sahiu, n'esta comedia, um tanto fóra dos seus habitos.

*Dionysia* não é uma these social, como se tem dito e escripto—talvez pelo unico motivo de ser de Dumas Filho.

A ser these social, a *Dionysia* seria esta: *Póde um homem honesto e honrado casar com uma mulher deshonrada, estando ainda vivo o seductor d'essa mulher.*

A affirmativa, n'um sentido geral e absoluto, não se deprehe de da peça.

Toda these, para ser sustentavel, precisa ser revestida de um caracter de generalidade, que abranja a maioria dos casos, despresando sómente as excepções.

E' assim *O filho natural*, do mesmo auctor; não é assim a *Dionysia*. Aquelle é um caso geral e frequente; esta é um caso excepcional, particular, determinado pela situação complicada, extraordinaria, imprevisita e rara dos personagens.

Tanto assim é, que o *clou* da comedia, a razão principal da resolução do conde, o argumento diante do qual elle fica interdito, embaraçado, e a que não póde responder é o seguinte:

Quando Thouvenin, para justificar Fernando de ter empenhado a sua palavra em como não fôra amante de Dionysia, pergunta ao conde:—« E se Fernando lhe perguntasse se o senhor tinha sido amante de sua mãe?... »

Não é pois uma these geral. Como these particular, dada a situação anormal e estranha do conde, a conclusão é logica e admiravelmente sustentada.

\*

\*

Como peça theatral, sendo uma das mais benefeitas do grande mestre, não é, todavia, isempta de defeitos. O primeiro e o maior e passarem-se todos os

quatro actos em um só dia, entre o almoço e o jantar em muito poucas horas, quando ha resoluções tomadas que são de tal gravidade e demandam tal ponderação—que nenhuma pessoa, por mais forte que fosse o seu espirito e por mais prompto que tivesse o raciocinio e mais seguro o criterio, não tomaria senão após alguns mezes de reflexão. Toda uma accão complicada e extravagante, dando lugar a uma grande quantidade de scenas violentas e passada nessas poucas horas em uma unica sala contigua a uma estufa, ou coisa que o valha.

O typo de Thouvenin, sobre ser o eterno *moralista*, o indefectivel e indispensavel Olivier de Jalin, especie de delegado extraordinario do auctor junto dos seus personagens, o typo de Thouvenin é falsissimo.

Como poderia um homem que ainda ha pouco deixou de ser simples operario, revelar tão profundo conhecimento dos homens e das cousas, do coração e da sociedade, para vir pregar moral social, ser uma especie de philosopho litterario com finissima cultura de espirito, rara penetração e agudeza, criterio educado nos compendios subtilissimos do raciocinio particular e exquisito de Dumas Filho, influindo e determinando accões gravissimas n'um homem illustrado, n'um antigo *viveur* da alta sociedade parisiense?

Impossivel; inverosimil; falso. Martha é outro typo falso. Será uma boa menina; nunca uma menina educada n'um convento.

Os outros personagens são um tanto mais razoaveis, incluindo mesmo o patife de Fernando, cujas vacillações de caracter, por vezes contraditorio, não são demonstradas logicamente na peça.

Deixamos de eitar as bellezas extraordinarias da comedia, para não occuparmos todas as oito paginas d'*A Semana*.

Tal é, segundo nossa sincera opinião, a nova comedia de Dumas Filho.

\*

\*

O desempenho foi regular. O successo coube de direito ao actor Maggioli.—Erissot, que chegou a ser notavel no terceiro acto, quando intenta esganar Fernando. Conduzio muito bem, com muita igualdade, correcção e sentimento o seu bello typo de antigo militar, honrado e energico.

A Sr. Helena Cavalier fez satisfactoriamente a parte de protagonista, dizendo muito bem, declamando com muito fogo e muita expressão a scena capital do terceiro acto e representando com muita verdade e commoção a sua quasi muda situação do quarto acto.

A Sra. Leolinda fez com bastante graça algumas scenas da Sra. de Thauzette e disse com malicia muitas das suas bellas phrases.

Estava bem caracterizada e bem vestida,—á parte o chapéu de amazona do 1º acto, que, por tão baixo, deixa de ser um chapéu de homem, o que prejudica aquelle bom dito: « cstes chapéus de homem só fream bem ás mulheres ».

O Sr. Dias Braga fez rasoavelmente o seu conde André de Bardannes, embora nos parecesse um pouco arrastado e vacilante.

O Sr. Maia não pode nem podia fazer o papel de Thouvenin:—nem todos servem para tudo, mesmo quando ha muito talento e muita vontade.

Experimente-se o Antonio Pedro no André Roswen, e fuja-se do resultado.

A Sra. Livia—regular no papel de Martha.

Mãos a Sra. Balbina e o Sr. Rangel nos papeis dos esposos Pontferrand. Ambos mal caracterizados.

Pessima a Sra. Elisa no papel de Sra. Brissot. Aquella mulher nunca poderia

ser esposa d'aquelle homem, nem mãe d'aquelle rapariga.

Esquecia-nos fallar do Sr. Lisboa: — Continua a ser magnifico no papel de juiz su... ubstituto... d'As meninas Godin.

A traducção é em geral boa, sendo por vezes brilhante.

Comtudo, tambem lá de vez em quando...

## TRATOS A' BOLA

Recebemos ainla id esta vez muitas cartas, contendo decifrações referentes aos *tratos* do n. 15. Não accusamos aqui os nomes de seus signatarios, aliás charadistas de *prima qualità* e alguns já-topetudos (1), por falta de espaço.

Não pensem, pelo amor de Deus ou do Diabo, que esta falta de espaço é uma desculpa como outra qualquer. Não, senhores! Ella é tão verdadeira como a dissidencia liberal que não quer o que sabe ou como o Sr. Zé Pompeu que não sabe o que quer. Por isso desculpem-nos.

Foi o Sr. *Carez* o primeiro decifrador exacto das *difficuldades* que *D. Pastel* deu nos seus *tratos* ultimos. Portanto Sr. *Cezar*... perdão!... Sr. *Carez*, venha buscar o seu premio que é hem bom e de metter inveja a muita gente, que julgou vir a possuil-o e que ficou no *ora se...* como diz a *Folha Nova*.

O segundo premio pertence à Sra. *D. Josephina B.*, que pôde fazer o mesmo—mandar buscá-lo.

Eis as decifrações: do logogripho—*Pastel*; do enigma—*Fagundes Varella*; telegraphica—*Marmota*; das antigas—*Caudaloso* e *Respiradouro*; da em quadro:

RAMO  
AMOR  
MOFA  
ORAR

Para hoje temos as seguintes—*tratices*:

MONOSYLLABICA

Esta especie de charada foi-nos offere-

(1) Diploma conferido por *D. Pastel* aos charadistas que metteram o dente nas calimburgescas do n. 12.

cida por *D. Confeito*, a quem ainda uma vez agradecemos a brillante offerta e a collaboração efficaz, que tem dispensado aos *tratos*.

Decifram-se procurando um monosyllabo que, collocado no principio, no meio ou no fim do nome proposto, dê um outro nome referente ao conceito que adiante se acha. Com os monosyllabos formam-se outro nome que é a verdadeira decifração da charada.

Aqui vae uma monosyllabica:

Desdem — notim  
Lo — rio  
Medo — systema  
Regio — machina  
Maca — arte  
Puro — aperto

Das aves.

PERGUNTA

Qual o monstro mythologico que invertido é um parente que temos?

ANTE-POSTAS

4—Talo do gallo rio mata.  
2—Vide a ave.

EM QUADRO

Todo elle é claro e formoso  
E guarda tudo que votes,  
Pretas o fazem gostoso  
E canta nos *Huguenottes*.

NOVISSIMAS

2—3— Esta letra com este deus na biologia, estuda-se.

1—2—A's avessas no serviço, sou feita a faca e vivo nos Cathecismos.

2—2—Assignala esta parte do corpo, que com esta fructa é passaro.

TELEGRAPHICAS

1—1—Nariz de pau.  
1—1—Cara é terra.

PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto um decimo de loteria da côrte. Ao segundo um tango—*A Semana*, 100 réis.  
E até sabbado.

D. PASTEL

## Á ULTIMA HORA

CRIME ESPANTOSO

Alberico, o indiciado, confessou hoje ao Dr. Carijó, ter sido quem matou Julio Silva.

Recebemos:

— « A Sra. X. P. T. O. » comedia em um acto por Carlos Augusto.

— « Os noivos, » comedia de costumes em um acto, por M. Jorge Domingues da Silva. Na primeira pagina encontra-se esta dedicatória: « A meus paes etc., e á meus irmãos. » O joven comediographo, ao que se vê, está ainda muito *crú* em grammatica elemental. Mas revela intelligencia, que será naturalmente aproveitada.

## CORREIO

SR. A. GATAZATA.—As suas quadri-nhas—*Soffro só!* são uma amostra com toda a certeza muito pallida do talento poetico que Nosso Senhor lhe deu.

Tome este conselho:—Quando escrever versos guarde os seus lamentos e os seus suspiros comsigo mesmo. Não diga a ninguem o que nos disse:

Mas eu n'este mundo,  
Meu Deus, soffro só!  
Lamento e suspiro,  
Ninguem não tem dó!

De certo: ninguem *não tem* dó, ninguem!

Os nossos *proximos* são uns *marvados*.

O nosso amigo soffre só; pois soffra só, mas não faça soffrer os outros com os seus versos.

## ANNUNCIOS

Dr. Henrique de Sá.—Espec.: Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:—rua Primeiro de Março, 22; de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:—rua de S. Pedro, 294.

## GAZETA MUSICAL

Revista quinzenal de theatros, musicas e bellas-arts. Retratos das maiores notabilidades artisticas, biographias, artigos de critica, correspondencias de Paris, Londres, Berlin, Vienna, Milão, Leipzig, Hamburgo, Madrid e Rio de Janeiro, poesias, romances e sempre

### 24 PAGINAS DE MUSICA

4, 5, 6 e 7 peças de autores celebres, allemães, francezes e italianos

### EDIÇÃO ESPECIAL PARA O BRAZIL N. 1

Publicado em 15 de Agosto de 1884

Assignatura mensal ou dous numeros..... 28 francos  
Com exclusão do porte de Correio para as provincias.  
Acha-se completo o primeiro trimestre, comprehendendo 6 numeros encadernados em um só volume, ornando um magnifico album, proprio para presente.

Preço 6\$000

REPRESENTANTES NESTE IMPERIO

H. LAEMMERT & C.

66 RUA DO OUVIDOR 66

LIVRARIA UNIVERSAL



## HOTEL NOVO MUNDO

Serviço profuso e variadissimo

Vinhos de todas as marcas, de qualidade garantida

Encarrega-se de grandes jantares e banquetes

Serviço completo

PREÇOS MODICOS

13 Rua Primeiro de Março 13

PROPRIETARIO

JOÃO DIOGO SOARES DE BRITO